

## A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA VIA COOPERAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Silvana Corbellini<sup>1</sup>

**Grupo 5.4.** *Função social na educação a distância: trabalho, cidadania e emancipação*

### RESUMO:

*O presente trabalho discute a inserção da Educação a Distância no contexto atual e os benefícios e limitações que essa acarreta no âmbito social. A partir da concepção epistemológica de Jean Piaget – o construtivismo – que é o referencial teórico que utilizamos neste trabalho, elencamos prioritariamente um dos conceitos: a cooperação. O método utilizado para o presente trabalho foi uma pesquisa bibliográfica e um diálogo com as práticas docentes das autoras. O que pudemos concluir foi de que a cooperação pode acrescentar ao desenvolvimento integral do nosso aluno nos âmbitos cognitivos, afetivo e moral. Além disso, como um componente visando fomentar o “aprender a aprender”, correspondendo desta forma às demandas atuais; bem como auxiliando na emancipação e no processo de construção da cidadania. **Palavras-chave:** Educação a Distância; Piaget; Cooperação; Cidadania.*

### ABSTRACT:

#### THE CONSTRUCTION OF CITIZENSHIP VIA COOPERATION IN DISTANCE EDUCATION

*This paper discusses the insertion of Distance Education in the current context and its benefits and limitations in the social scope. From Jean Piaget’s epistemological conception – the constructivism – which is the theoretical reference used on this paper, we first mention the concept of cooperation. The methods, which were used in this paper, are a bibliographical research and also a dialogue with the authors’ teaching practices. We came to a conclusion that cooperation, may improve our pupil’s integral development in the cognitive, affective and moral scopes. Besides that, acting as a component, which aims at improving the ‘learning to learn’ process, related to the current demands as well as helping in the emancipation and in the process of building citizenship.*

**Keywords:** Distance Education; Piaget; Cooperation; Citizenship.

### 1. Apresentação: educação a distância – competências ou incompetências?

O que é Educação a Distância? Educar, dentro da concepção epistemológica construtivista é uma estratégia de formação, ou seja, é um aprender a aprender, criar, inovar, construir conhecimento na mediação entre sujeito e objeto. O educar é diferente

<sup>1</sup> Psicóloga (UNISINOS/RS), Mestre em Psicologia Clínica (PUC/RS) e Doutoranda em Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS) – silvanacorbellini@gmail.com

do ensinar, compreendido aqui, como treinamento ou transmissão de conteúdos. E, a Educação a Distância é concebida como uma prática educativa que se utiliza das tecnologias. É uma modalidade do educar, na qual as relações implicam em peculiaridades, como: o não compartilhamento do mesmo “espaço e tempo”; o uso das ferramentas tecnológicas; as mediações por outros atores componentes do processo de aprendizagem; novas modalidades do aprender; etc.

Utilizamos-nos da concepção epistemológica – o construtivismo de Jean Piaget - teoria que se preocupou com o como o sujeito constrói o seu conhecimento. O construtivismo surgiu reformulando os paradigmas do empirismo e do apriorismo, que se baseavam no ensinar. Piaget afirma que o conhecimento é o resultado da interação entre o sujeito e objeto e para tanto, considera como requisitos quatro fatores: o biológico (maturação nervosa); as experiências físicas; as trocas sociais e a equilibração. Neste processo o sujeito é ativo e construtor do seu conhecimento; ou seja, impõe o conceito de educar.

As tecnologias, hoje, são componentes fundamentais da nossa sociedade. Os recursos tecnológicos dos quais dispomos nos ofertam com inúmeras possibilidades de interações, acesso a conhecimentos e descobertas. O avanço tecnológico criou um mundo em que os limites deixaram de ser precisos e um novo mapa precisará ser desenhado; um mapa global. Assim como, esse avanço, essa imediatez do acesso as novidades, as informações, exigem dos profissionais novas competências, como: as convivências com outras áreas, o trabalho interdisciplinar; trabalhar em equipe; recriar o conhecimento; formular novas perguntas e novas respostas; entre outras. O que se vislumbra é um mercado de trabalho que aponta a falta mão de obra especializada e de profissionais que preencham os requisitos desejados. Ou seja, os trabalhadores formados são incompetentes para o atual mercado. Há uma lacuna entre a formação e as demandas do mercado de trabalho.

Aponta-se que também, o uso das tecnologias tem se ampliado para diversos contextos, constituindo o nosso dia a dia. Compõe todas as esferas e funções de nossas vidas: trabalho, educação, lazer, cultura, afetiva, informativa, social; enfim, engloba de uma maneira integral a vida do ser humano.

Desta forma, ao atentarmos para o estudo da modalidade da Educação a Distância, torna-se importante refletirmos sobre o universo em que estamos inseridos e quais as alternativas que estamos constituindo a partir dessa modalidade para o desenvolvimento dos nossos cidadãos. Elencamos concepções epistemológicas, práticas educativas que permitirão o alcance das necessidades que são demandadas nesse novo mundo devem fazer parte do universo pedagógico. Aliamos a educação ao contexto dinâmico do cotidiano tornou-se um imperativo, pois não há como formarmos cidadãos capazes de responder as demandas atuais, sem terem sido educados para “aprender a aprender”. Ou seja, impor à nossa profissão de professores, competências que irão nos possibilitar “educar” e não, somente “ensinar”.

Com essas considerações e fundamentadas na teoria piagetiana, apropriamo-nos mais especificamente do conceito de cooperação que consideramos como uma alavanca para a autonomia do sujeito (CORBELLINI, 2011). A partir da cooperação, de acordo com Piaget, advém o desenvolvimento integral, computando-se os âmbitos: cognitivo, afetivo e moral e construindo a autonomia. Desta forma, apostamos na cooperação como uma

via metodológica passível de constituir cidadãos, comprometidos com a sociedade e profissionais capazes de gerar os novos rumos que a atualidade tem imposto.

A partir de uma revisão bibliográfica e de reflexões com a nossa prática docente, buscamos construir um diálogo que permita inferirmos considerações pertinentes ao panorama que se descortina com os novos horizontes e as contribuições que a Educação a Distância pode trazer para esse contexto.

## 2. Implicações: as tecnologias e o educar para a sociedade

Abordarmos a educação implica, atualmente, em incluirmos as tecnologias e a sociedade. Não há dicotomia entre esses aspectos. A educação traz imbricado o uso das tecnologias e a exigência do cumprimento de sua função social, quiçá, a implantação de uma educação de qualidade e comprometida com a ética. A educação deve ter como função social a formação plena do sujeito, desenvolvendo-o de forma integral de maneira tal que ele possa agir com autonomia e responsabilidade no contexto que habita. As instituições escolares precisam preocupar-se com a formação ética dos cidadãos; além da cognitiva.

Muito se debate sobre o uso das tecnologias na área da educação. Um dos pontos é como estas podem acrescentar à área, modificando concepções que se encontram em prática há muito tempo. Apontamos que as tecnologias contribuem, servindo de subsídios para a educação, como meios de interações, acesso a diversidade de saberes, instantaneidade dos mesmos, acesso as pesquisas, redes de colaboração e outros. Ou seja, elas podem ser importantes ferramentas auxiliares para incrementar o processo do aprender.

Assim, o uso das tecnologias no âmbito escolar traz possibilidades de novas formas de trabalhar-se, sendo uma dessas que consideramos viável é a inclusão da cooperação na educação. A Educação a Distância apresenta em seu bojo diferenças da Educação Presencial, sendo que o fato de se ter acesso ao conhecimento de uma forma ampla ao alcance de um teclar, é um dos pontos que destacamos. Este fato, *per se*, modifica todo o contexto do “detentor do saber”. O professor, que até então, era quem detinha o conhecimento, passa a ser questionado permanente pelos alunos pelo saber que encontram na rede. O professor, de certa forma, está permanentemente desatualizado, pois, o saber está em constante renovação. O que vale hoje, não necessariamente irá valer daqui a pouco. A cada minuto surgem novas descobertas, novos dados são acrescentados aos bancos, computam-se novas pesquisas e tudo isto, descortina-se aos olhos de todos; e, em vários momentos, os nossos alunos têm o acesso de forma mais rápida do que nós.

Então, o que podemos ensinar/educar? Ou, o que temos que aprender? Parece-nos, que primeiramente o que temos a aprender é a “teclar”, isto é, precisamos é estarmos aptos a utilizarmos as tecnologias no nosso ambiente de trabalho – escolas, universidades, empresas, etc. Incorporar esta realidade à nossa realidade educacional.

Muito se fala em educação continuada, ou em educação permanente. Não seria atualização permanente? Somos educados desde o nascer. Adquirimos um arquivo de conhecimentos, constituímos uma personalidade, um caráter e esses fazem parte de nós,

ou “é” nós. Desta forma, o que estamos constantemente fazendo e refazendo é nos atualizando. E isto, por mais que corramos, dificilmente conseguiremos dar conta de tudo o que nos cerca, nos encontramos, cada vez mais, limitados frente ao que se vislumbra no teclar de um botão.

Uma das atividades que realizamos com os alunos no início do semestre é solicitar que eles peguem um livro e o olhem, o manuseiem. Depois se dirijam ao final do mesmo e vejam as referências que ele apresenta. Pedimos então, que contem quantos livros têm nesta lista e quantos eles leram. Geralmente, muito poucos foram lidos. Talvez, mais alguns destes, ainda serão lidos. Com certeza, a maioria, não chegará a ser lida. O universo torna-se a cada dia maior e não temos como dar conta. E, transpondo isto ao universo virtual, a situação toma proporções ainda maiores, pois a cada segundo milhares de informações são postadas na rede e de todas as partes do mundo. Então, salientamos com isto, que o nosso conhecimento individual, a cada segundo torna-se mais e mais incipiente frente ao conhecimento coletivo.

A partir disso, coloca-se a questão: “O que fazer como *professor* para *professorar* o conhecimento?” Há alguns conceitos que precisam ser destrinchados. Primeiro, o conceito de professor. Aquele professor que tudo sabia, o detentor do saber, o mítico, a autoridade acima de tudo, deixa de existir. Hoje, o professor passa a ser um mediador do saber, um facilitador das vias do conhecimento; pode-se pensar que ele trabalha mais com o método, com o processo do que com o final. O segundo conceito, o professorar, significando aqui a postura do professor que assumia esse lugar de quem tudo sabia e que transbordava o seu conhecimento ao aluno que deveria absorvê-lo. Esse professorar, atualmente, encontra o seu lugar nas trocas, nas interações, nos trabalhos cooperativos desenvolvidos em salas de aulas, sejam estas presenciais, ou virtuais.

O professor não mais professora. Ou seja, ele não ensina, mas educa. Educar extrapola o transmitir conhecimentos e implicam em agregar valores éticos, morais, afetivos, sociais aos cognitivos. Implica em desenvolver cidadãos com toda a sua capacidade para efetivamente assumir os seus direitos e deveres frente à sociedade que compõe. Implica em auxiliar o nosso aluno no seu desenvolvimento integral, tornando-o um sujeito autônomo, competente, criativo e responsável.

Agora, como podemos operar essa modificação? Para tanto, abordaremos no seguinte tópico, o conceito de cooperação a partir do prisma piagetiano visando responder a esta questão.

### 3. A cooperação no ato de educar

Com base nestes pré-requisitos: criatividade; empoderamento; trabalho em equipe; criticidade; etc. que a sociedade atual têm imposto, o educar não pode mais ser concebido como uma reprodução dos conteúdos. Precisamos, na nossa função de professores, educadores, termos o zelo de incluirmos na nossa práxis as condições para que os alunos alcancem o status de cidadãos e não de “reprodutores”. Ou seja, que eles constituam a sua autonomia frente à construção do seu conhecimento – “aprendendo a aprender”.

Assim, trazemos a cooperação a partir da teoria piagetiana, como um conceito fundamental para que este processo possa se efetivar. O que é cooperar para Piaget? Conforme o autor, cooperar é o estabelecer trocas equilibradas entre os indivíduos. Requer a existência de espaços para que aconteçam trocas, interações, debates, de maneira que cada um possa colocar seus pontos de vistas, alterarem suas posições, argumentar e contra-argumentar; ou, “descentrar-se” e sair do “si mesmo” (PIAGET, 1973). Ressaltamos que estes espaços podem ser tanto presenciais, como virtuais.

Piaget ao longo de sua obra destaca que a aprendizagem não é uma atividade individual, mas que ela sucede na interação, requerendo a presença de outrem (presencial ou virtual). Salienta o autor, que ele próprio, ao dedicar-se aos seus estudos, criava um “outro” para dialogar, mesmo que fosse outra teoria com a qual tivesse que contra-argumentar, mantendo dessa forma o intercâmbio necessário para o desenvolvimento do raciocínio (PIAGET, 1998).

Um aspecto salutar no que tange a cooperação é que, de acordo com Piaget, do ponto de vista moral, a cooperação conduz a uma ética da solidariedade e da reciprocidade. Para que isto ocorra é necessário que neste desenvolvimento, a autonomia prevaleça sobre a heteronomia. Explicamos: em Piaget a autonomia é construída e se desenvolve em três níveis, sendo: (1) a anomia (ausência total de regras); (2) a heteronomia (as regras encontram-se calcadas em uma autoridade externa ao sujeito) e; (3) a autonomia (as regras estão internalizadas). Conforme o autor somente a cooperação leva a autonomia (PIAGET, 1977).

Apontamos diversos trabalhos das autoras (CORBELLINI, 2011; CORBELLINI e REAL, 2088, 2011, 2011a, 2011b) que foram alicerçados nestes fundamentos e nos quais, foram disponibilizados espaços e práticas cooperativas em ambientes virtuais de aprendizagens, como: fóruns sociais, pesquisas cooperativas; fomentos a trocas e debates, entre outros e que obtiveram resultados positivos no sentido de efetivação de cooperação entre os atores. Conseguimos constatar que estes movimentos podem tornar-se um aliado na educação e no desenvolvimento de cidadãos; constituindo-se como um caminho viável neste processo, com conseqüências no singular e no social. E, ao modificarmos o foco da sala de aula “global”, deixando-se de trabalhar de forma individual e começarmos a trabalhar de forma cooperativa; principiamos a alterar alguns conceitos e quiçá, sairmos do individualismo que impera em nossa sociedade e rumarmos para o coletivo.

#### 4. Formação continuada ou “aprender a aprender”?

Acima apresentamos brevemente a nossa ideia sobre a formação continuada ou educação permanente, já esboçando a atualização permanente. O constante aperfeiçoamento que nos é exigido hoje tem sido imposto pelo inesgotável conhecimento que é acrescido aos bancos de dados existentes. Peguemos, por exemplo, a medicina na qual as atualizações são mais retumbantes. O paciente, em grande parte, ao chegar ao consultório do médico já traz consigo informações que fazem frente ao conhecimento constituído em anos de faculdade. Carrega consigo um estudo sobre a sua saúde e a sua doença sob vários pontos de vista, alopáticos, homeopáticos, míticos, religiosos,

filosóficos, etc. Com este arsenal ele questiona o saber médico, que tal qual o saber do professor, era do “doutor” – o que dizia, era lei.

O médico, em seu consultório, ou nos hospitais, ou em postos de saúde, dificilmente teve acesso nas últimas horas à rede e por isto, já se encontra “desatualizado”. Claro que aqui há um exagero, proposital, mas é um recurso que utilizamos para demonstrarmos o quanto o funcionamento social está permeado pelo acesso disponível do conhecimento. O que queremos frisar com isto é, o quanto estamos “ignorantes” frente ao universo que se vislumbra.

Com isto, podemos retornar a nossa pergunta: o que ensinaremos aos nossos alunos? Como eles darão conta dessa amplitude do conhecimento, a cada dia em maior proporção? Considerarmos este contexto nos remete a repensar o que “repassar” aos nossos alunos; ou seja, como educar? O ensinar, no sentido de transmissão de conhecimentos, caiu por terra, não há como sustentar esta posição; pois, o professor não mais detém o saber. Agora, qual posição o professor / o profissional vai ocupar? Qual a posição que o aluno vai ocupar?

A aprendizagem, como refere à epistemologia genética, é uma construção. Realiza-se a cada momento, de forma contínua e permanente e, engloba o cognitivo, o afetivo e o moral. O aprender é construir o seu próprio sentido e não repetir o saber do outro. Uma das metas do educar deve ser o desenvolvimento integral do ser humano; isto implica em não atuar como um limitador, mas como uma mola propulsora neste processo, constituindo e se constituindo, numa evolução constante; ou, nas palavras de Piaget, numa espiral contínua.

O educar para que os alunos “aprendam a aprender” é o que permitirá que esses cidadãos venham a suprir as carências que já despontam hoje no mercado de trabalho. Há vagas, mas não há profissionais. O que se detecta é que os profissionais que estão sendo formados, não são condizentes com o mercado existente. Ou seja, as competências, habilidades que o aluno adquire nos bancos escolares, tanto presenciais, quanto virtuais são inoperantes no “mundo real”. Aponta-se uma dicotomia entre o que está sendo feito nas escolas / universidades e o que está sendo demandado no mercado de trabalho. A demanda é por profissionais que não existem. Sendo que assim, novos cursos são criados, acrescentam-se e subtraem-se novas disciplinas dos currículos, elencam-se novas especificidades e assim por diante, mas a base da educação parece continuar igual.

Exigem-se profissionais com competências que alguns poucos possuem. Os critérios citados acima, como criatividade, proatividade, empoderamento, que saiba trabalhar em equipe, saiba comunicar-se, relacionar-se, etc., ou seja, competências que parecem apontar para outra ordem, diferente do conhecimento técnico (obviamente que, este é um critério que se encontra embutido, mas apontamos para um “além” disto).

As empresas têm buscado suprir estas carências com treinamentos sistemáticos, formações específicas, principalmente utilizando-se da Educação a Distância, mas com pouco êxito. Por que será? Não será, justamente, porque os sujeitos não “aprenderam a aprender”, sendo que desta forma, a renovação do conhecimento necessária, a adaptação as novas tecnologias, o acréscimo de saberes que requer uma postura ativa e reflexiva, não de mera reprodução; não foi consolidada? Criou-se um paradoxo que somente pode ser vencido com a ruptura de posições cronificadas dos professores e dos

alunos. Somos nós – professores - os modelos de nossos alunos, principalmente nas séries iniciais e, que também compomos suas personalidades. A criança aprende, primeiramente por imitação. E, é a nós - professores - também, que ela imita. Aliás, quem nunca brincou de “ser professor”? Mas como já apontava Freud (1908/1980), brincar é sério.

## 5. Emancipação e autonomia: composse da cidadania

Freud (1908/1980), ao tratar do tema da brincadeira na infância, refere à importância que essa possui para o desenvolvimento. Traz que a criança no seu brincar altera uma posição passiva para uma ativa. Ele exemplifica com uma situação na qual a criança, ao retornar do médico, pegará um irmão ou irmã menor e irá examinar a sua garganta. Ou seja, ela irá “brincar de ser médico”, repetindo o que “sofreu” passivamente no consultório; mas agora sendo ela o sujeito ativo da situação. É uma maneira que a criança encontra de elaborar os acontecimentos que vivenciou passivamente. Desta forma, Freud afirma que a criança leva o seu brincar muito a sério e salienta que a antítese do brincar não é o que é sério, mas o que é real.

Da mesma forma, muitas vezes podemos observar crianças que ao brincarem querem “ser professores”, imitando-os. Ou então, o brincar de casinha, “sendo papais e mamães”, tal quais os seus modelos. Queremos realçar com essas considerações que a educação extrapola os limites dos conhecimentos. Ela está também alicerçada em nossos atos, nossa postura, nossos ideais, nossos valores. Não há como “educar” nossos alunos, por exemplo, para a cooperação, autonomia, cidadania se esses não forem valores que compõem a nossa própria existência. Com a prática, do dizer uma coisa e fazer outra; ou, ensinar conforme o adágio popular: “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”; eles irão aprender também, o que mostrarmos.

Na educação virtual, esse mundo muitas vezes parece ser um “faz de conta”, uma brincadeira, pois, a isenção do contato face a face, o poder ir e vir quando quiser (conectar e desconectar), enfim essa “suposta” liberdade acarreta conseqüências. Grifamos a “suposta” porque justamente é um dos pontos que pretendemos abordar. Ao aliarmos o conceito da cooperação da teoria piagetiana ao da educação a distância, pontuamos que o cooperar não significa liberdade, mas responsabilidade.

Ressaltamos que a cooperação fundamenta-se em diversos pontos de vista, ocorrendo através das operações de correspondência, de reciprocidade ou de complementaridade e, implica na existência de regras autônomas e condutas baseadas no respeito mútuo. Para tanto, torna-se imprescindível que os componentes do grupo tenham um sistema comum de convenções e que esse sirva de alicerce para outras reconstruções. Somente com essas condições é possível de ocorrerem trocas cooperativas e operações recíprocas. Piaget (1973) salienta que são necessárias três condições para que ocorra uma real cooperação: (1) a existência de uma escala comum de valores; (2) a conservação dessa escala e; (3) a reciprocidade na interação. Destaca que essas três condições de equilíbrio só acontecem na cooperação e não, nas relações de coação. Assim, o autor pondera que a cooperação é um acordo (explícito ou implícito)

entre as partes, de uma forma clara e na qual todos ganham, sendo a melhor via para o desenvolvimento da autonomia intelectual, afetiva e moral.

Referimos ainda que, a cooperação demonstra uma passagem a outro patamar mais evoluído, na perspectiva desenvolvimentista, até o sujeito alcançar a construção das regras pelo constante ajuste entre os seus pares. Piaget (1996) afirma que a moral do dever é uma das etapas do desenvolvimento da consciência e é necessário que o respeito unilateral passe a ser regido pelo respeito mútuo, até que seja completamente suplantado por este.

Desta forma, a reciprocidade nas relações é um componente vital para este processo. Conforme Piaget (1996), a criança ao sentir a unidade e a coerência da escola e da família, ao deparar-se com outros grupos como a cidade e nação – portanto, a humanidade - tenderá a adaptar-se. Realça que a autonomia só pode ser adquirida através de uma educação que possibilite a criança compreender a natureza da sociedade e o porquê da existência das regras; ou seja, implicando em liberdade, mas com responsabilidade.

A educação dessa maneira configura-se de uma forma ampla, indissociável e não temos como formar sujeitos autônomos, tratando-os coercitivamente. Ressalta Piaget (1973) que quando o sujeito é passivo intelectualmente, será também moralmente e que a recíproca é verdadeira: se o sujeito é moralmente submisso à vontade do outro, será também intelectualmente. Ou seja, não terá condições de emancipar-se, pois, tenderá a ficar submetido, passivo ao desejo do outro.

Emancipação significa o tornar-se livre, independente. Esse termo é utilizado em vários contextos, como: emancipação da mulher, emancipação do menor; emancipação política, entre outros. Importante frisarmos que o emancipar-se, tornar-se independente, não significa o não ter limites, não existir regras, deveres. Como afirmado acima, a respeito da autonomia, implica sim, em liberdade, mas aliada a responsabilidade. Pois, conforme Piaget (1973), a liberdade está alicerçada na possibilidade da escolha, na autonomia, em fazer o que é necessário e não somente o que se deseja.

A partir da inserção das tecnologias no âmbito da educação, estas nos proporcionaram reformular as relações entre professores e alunos. Ao esboçarem-se novos contornos, também permitiram novos diálogos e outras constituições. A sala de aula passou a ser global, sendo que não mais comporta relações via coação. A cooperação torna-se um mecanismo fundamental para o “aprender”. Não há mais domínio do saber e sim, a necessidade do compartilhá-lo e desenvolvê-lo. Torna-se necessário introduzirmos uma práxis educativa que propicie o desenvolvimento integral do ser humano, com condições de responder as questões atuais e as que irão surgir, isto é, trabalhar o “aprender a aprender” que propõe a teoria piagetiana.

Sendo a Educação a Distância uma modalidade de efetivar a aprendizagem, pressupõe uma via de mão dupla: o educador e o educando, ambos em interação. Essa relação precisa calcar-se em valores éticos e cooperativos para que seja realizada integralmente. Se o professor, insistir em “professorar”, o aluno irá aprender sim, a copiar, a reproduzir, a decorar e depois, a repeti-lo; pois, foi para isto que ele foi ensinado. Se o processo do aprender permanecer neste estilo, não construiremos respostas para a sociedade; pois continuaremos trabalhando em nível de ensino e não de educação e é esse que será transposto ao social.

## 6. Considerações limitadas

As considerações limitadas aqui concebem a este “tempo e espaço” no qual nos encontramos inseridos. Esses limites traçam o contorno do que podemos fazer e do que gostaríamos de fazer – entre o real e o ideal. Ao abarcarmos a educação, o horizonte que se delinea é extenso. Ao falarmos de Educação a Distância, parece que se torna ainda maior. Mas, algumas considerações podem ser tecidas a partir das reflexões que foram realizadas.

Observamos que as possibilidades de termos acesso às tecnologias, como instrumentos na educação, pode auxiliar-nos a modificarmos a forma de pensar e de agir. A partir de um uso cooperativo, ou seja, incluindo-se a cooperação no âmbito educacional, podemos principiar a esboçar novos contornos. O uso dos ambientes virtuais de aprendizagem fornece uma tela onde o que ali se escreve, fica registrado. Esses registros, essas informações, esses conhecimentos compartilhados parecem implicar que os atores passem a ter um maior cuidado com o que escrevem e com o como escrevem; o que pode vir a ser um fomento para aprimorar a qualidade da educação. A socialização imposta pela democratização do conhecimento via tecnologia expõe os sujeitos em seus saberes e ignorâncias. Desta forma, este confronto com o fato de que não se sabe tudo e, aliando-se ao saber que a rede oferece, podemos trabalhar cooperativamente na construção de novos conhecimentos.

Detectou-se que os espaços “abertos” nos ambientes virtuais de aprendizagem, como fóruns, chats, trabalhos de pesquisa compartilhados, etc. são usufruídos pelos alunos (CORBELLINI e REAL, 2008, 2011) e valorizados em seus processos de aprendizagem. A necessidade de trocas de conhecimentos requer acomodações, negociações e diálogos. Conforme Piaget (1973) é esse confronto de ideias; essas negociações; a cooperação; esse constante exercício de um autogoverno que acarretam a construção da autonomia e faz com que a escola tenha uma função primordial na sociedade: educar para a cidadania. Como já salientado anteriormente, a cidadania é também uma construção e passa pela educação.

A Educação a Distância possibilita, pelos seus recursos, novas formas de comunicação, o convívio com as diversidades; o acesso aos diversos saberes; o acolhimento aos diferentes estilos de aprender; a cooperação; entre outros. Cumpre ao educador organizar esse processo do aprender, de maneira que possamos desenvolver as competências necessárias para a efetiva formação de cidadãos capazes de contribuir para com a sociedade.

Assim, pensamos que é importante como estratégia, trabalhar a Educação a Distância em conformidade com as demandas sociais. A análise do contexto histórico-cultural que vivenciamos e a formação que pretendemos, devem fazer parte do processo pedagógico.

As possibilidades que a Educação a Distância trouxe para o universo educacional, como o aumento considerável de acesso das pessoas à formação; a diminuição do tempo de locomoção despendido; a redução de custos; a instantaneidade do acesso aos

recursos, ao conhecimento; etc. são contribuições sumamente importantes; mas não se pode reduzir o seu papel social às facilidades que ela carrega.

É necessário ir além dos benefícios visíveis e constituir uma práxis comprometida com a formação social que é função da instituição escolar. Desta forma, ao elencarmos a cooperação, queremos ir um pouco mais adiante com Piaget nessa construção. O autor salienta que a educação só poderá ter utilidade se for seguida de indagação prévia e conferida em função de uma atividade geral, de natureza moral e social (PIAGET, 2002). Além disso, aponta que o método mais eficaz para a formação de bons cidadãos é aquele que requer que os sujeitos se impliquem, responsabilizando-se ou experimentando construções de autogoverno. Traz como tarefa primordial do educador o propiciar ao aluno diante de um problema de ordem social, um método e uma ferramenta nova: a Ciência. Refere-se à Ciência, como uma das mais belas adaptações do sujeito e, ao mesmo tempo, uma vitória da razão. Ainda, a imbricação dos conhecimentos com atitude é elencada como instrumento de coordenação intelectual e moral, válida em todas as escalas. Desta forma, ele retoma ao que apontamos acima, a coerência interna necessária por parte dos educadores que permita que sirvam de modelos para seus alunos.

Assim, queremos concluir que a Educação a Distância, por suas características, pode vir a constituir-se em um canal privilegiado para contribuir com os alicerces necessários para edificarmos a cidadania. Desta forma, torna-se importante as reflexões sobre as concepções epistemológicas e os princípios éticos que sustentam o trabalho do professor, norteando a educação que estamos ofertando aos nossos cidadãos.

## 7. Referências

CORBELLINI, S. Cooperação: uma alavanca no processo de ensino-aprendizagem na educação a distância. *RENOTE*. Revista Novas Tecnologias na Educação (UFRGS, online), v. 9, N°2, 2011.

CORBELLINI, S.; REAL, L. M. C. Trabalho de conclusão de curso (TCC) em um curso de graduação modalidade EAD: uma proposta cooperativa construída em ambiente a distância. *RENOTE*. Revista Novas Tecnologias na Educação (UFRGS, online), v. 9, N°1, p. 17-27, 2011.

CORBELLINI, S.; REAL, L. M. C. *Proposta Cooperativa em Curso de Graduação a Distância Construída em Wikis*. In: VI Conferência Latinoamericana de de Objetos de Aprendizagem y Tecnologias de La Educacion – LACLO 2011. Montevideu: Editora de La Universidad de La República Uruguay, 2011a, v. 1.

CORBELLINI, S.; REAL, L. M. C. *Proposta de uso de Wiki como Arquitetura Pedagógica: cooperação*. In: XXII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação e XVII Workshop de Informática na Escola (SBIE e WIE), 2011b.

CORBELLINI, S.; REAL, L. M. C. *Café & Cia: uma proposta de espaço de interações informais em EAD*. In: XXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Computação, 2008, Belém do Pará. Anais do XXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Computação, 2008, p. 406-409.

FREUD, S. *Escritores criativos e devaneios*. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1908/1980. V. 9.

PIAGET, J. *O Julgamento moral na criança*. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1977.

\_\_\_\_\_. *Para onde vai a educação?* 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

\_\_\_\_\_. *Sobre a pedagogia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

\_\_\_\_\_. O julgamento moral. In: Macedo, L. (org.). *Cinco Estudos de Educação Moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

\_\_\_\_\_. *Estudos Sociológicos*. São Paulo: Companhia Editora Forense, 1973.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4º Ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.